



Universidade de Brasília – UNB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Bacharelado em Letras: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – 4111

Disciplina – Monografia em Literatura - 150690

**A FIGURA DA MÃE-PRETA NA LITERATURA MEMORIALISTA DE JOSÉ LINS
DO REGO**

Carolina Cascão Rodrigues

Brasília-DF

2019

CAROLINA CASÇÃO RODRIGUES

**A FIGURA DA MÃE-PRETA NA LITERATURA MEMORIALISTA DE JOSÉ LINS
DO REGO**

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Isabel Edom Pires

Brasília

2019

RESUMO

A figura das contadoras de histórias, embora habite a memória de inúmeras pessoas, inclusive de autores de grande importância, raramente é evocada no ambiente acadêmico. A relevância da literatura oral na educação de crianças e na formação de bons escritores é frequentemente ignorada. Este trabalho consistirá em dois momentos. Inicialmente, apresentará uma análise dos elementos culturais e históricos que levaram ao surgimento destas mulheres que, em um momento de necessidade, utilizaram da própria experiência e das histórias da vida para poder sobreviver em meio a uma sociedade que identificava as populações negras como livres, mas que não promoveu políticas de inclusão. No segundo instante, para a concretização de seu objetivo, o trabalho abordará as obras *Menino de Engenho* (1932) e *Histórias da velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego, para compreender a partir do ponto de vista dele a importância da mãe-preta para as crianças da época.

Palavras-chave: Mãe-preta; José Lins do Rego; Literatura; Narradora; *Menino de Engenho*; *Histórias da Velha Totônia*; Velha Totonha; Crianças; Infância; Mulheres; Escravidão.

ABSTRACT

The character of storytellers, although it may live in the memory of countless people, including authors of great recognition, is rarely brought up in the academic environment. The importance of oral literature in children's education and in the development of good writers is constantly passed by. This paper will be structured by two main lines of thought. Firstly, it will push forth an analysis of the cultural and historical elements that led to the dawn of those women who took their own experiences and life events, in times of great need, in order to survive in a society which looked upon black peoples as free, without ever adopting any inclusion politics in the first place. Secondly, in order to fulfil its main goal, this paper shall put forth works such as *Menino de Engenho* (1932) and *Histórias da velha Totônia* (1936), from renowned writer José Lins do Rego, in order to understand the significance of mãe-preta to the infants at the time, in his point of view.

Keywords: Mãe-preta; José Lins do Rego; Literature; storyteller; *Menino de Engenho*; *Histórias da Velha Totônia*; Velha Totonha; Infants; Childhood; Women; Slavery.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CENÁRIO HISTÓRICO	7
OS NEGROS NO BRASIL DE 1888	7
AS MULHERES NEGRAS DE 1888	7
AS CRIANÇAS DO BRASIL.....	9
AS PRIMEIRAS CRIANÇAS BRASILEIRAS	9
CRIANÇAS NO BRASIL COLONIAL.....	10
LITERATURA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	11
LITERATURA DEDICADA ÀS CRIANÇAS	11
VELHA TOTÔNIA.....	12
JOSÉ LINS DO REGO: “O ÚLTIMO CONTADOR DE HISTÓRIAS”	12
MÃE-PRETA.....	13
“BEM VELHA E BEM MAGRA”.....	13
MENINO DE ENGENHO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA PÓS ABOLIÇÃO.....	15
A IMPORTÂNCIA DAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS	15
OUTRAS “VELHAS TOTÔNIAS”	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

Quando observamos manifestações sobre a literatura na educação infantil no Brasil oitocentista, é possível perceber que as obras trabalhadas em sala de aula não apresentaram o resultado que era esperado, principalmente quando comparado à forma como os autores narram a influência e as consequências das leituras daquilo que viria a ser chamado de “literatura clandestina”, obras que fugiam do padrão selecionado para atuar como elemento de formação das crianças.

A presença das contadoras de histórias permeia a história do Brasil e é parte fundamental do processo de educação das crianças brasileiras e da formação de grandes escritores. As memórias que envolvem a figura dessas contadoras, normalmente representadas por mulheres negras, são carregadas de nostalgia provocando no leitor da obra um sentimento de identificação, uma vez que a figura ainda se repete dentro do cotidiano das famílias. Essas mulheres atendem muitas vezes por “mãe-preta” e suas evocações diferem nas obras que as retratam ou prestam homenagem: cozinheiras, cuidadoras, amas ou contadoras de histórias, mas sempre alvo de carinho e admiração.

Na presente pesquisa, foram analisados textos teóricos, trabalhos acadêmicos, obras literárias e matérias diversos acerca da esfera literária e da histórica, possibilitando dessa maneira que a interpretação das obras que abordam a mãe-preta não fosse orientada totalmente pela visão do autor. Intentou-se, com isso, compreendê-la como alguém que de fato existiu e que é recorrentemente recriada pela literatura brasileira. Além disso, ao realizar essa leitura independente proposta aqui, é possível atentar para os problemas ignorados na fala dos autores, uma vez que as memórias retratadas são parte da infância, quando não poderiam perceber as dificuldades vividas pelas tão amadas figuras. Nas obras, elas são evocadas pelos escritores já adultos, ou seja, capazes de uma análise mais profunda. Dessa forma, é essencial questionar o apagamento dos sofrimentos e abusos sofridos por essas mulheres.

Este trabalho tem como objetivo estudar a figura da mãe-preta e suas diversas representações na literatura brasileira, possibilitando também compreender o que sua presença pode nos dizer hoje nesse entrelaçamento entre uma literatura memorialista e um solo escravagista. Além disso, objetiva promover a compreensão da importância dessas mulheres como contadoras e criadoras de histórias, e, principalmente, como responsáveis pela formação de futuros escritores. Para isso, é necessário observar e assimilar a relação da literatura com a educação infantil, bem como a infância no Brasil ao longo da história e o processo de abolição

da escravatura e suas influências e consequências para a sociedade brasileira. Questiona-se aqui como a literatura memorialística recriou essa figura e que marcas distanciam as personagens das mulheres negras libertas da escravidão.

CENÁRIO HISTÓRICO

É essencial entender o cenário onde surge a figura da mãe-preta. Consequentemente inicio este capítulo com uma apresentação do momento vivido no Brasil e como os acontecimentos do período afetaram a vida das populações que aqui residiam.

OS NEGROS NO BRASIL DE 1888

Comemorada com alegria, a abolição da escravatura em 1888 viria a representar, logo em seguida à sua determinação, mais uma fase da luta da população negra da época, agora em busca de um modo de viver e de se sustentar em uma sociedade que formalmente extinguiu o processo exploratório, mas que na realidade não lidava de forma humanitária e economicamente viável com a situação, gerando mais abandono e miséria para o povo recém liberto.

Diversos fatores como a Lei Eusébio de Queiróz, Lei dos sexagenários e a Lei do Ventre Livre, além da enorme pressão por parte da Inglaterra e dos movimentos contrários à escravidão, colaboraram no encaminhamento para o fim da escravatura, porém não houve uma movimentação significativa quanto à capacitação daqueles que agora estavam livres. Portanto, embora teoricamente significasse o fim da exploração, não somente os negros encontravam-se desempregados, como também não possuíam acesso à educação. Atirados em meio a uma sociedade marcada pelo preconceito e sem meios de buscar melhores condições para se assegurar economicamente e reestruturar a vida, muitos recorriam a subempregos, muitas vezes migrando para novos locais, ou permaneciam nos engenhos onde anteriormente serviam como escravos em troca de valores ínfimos. Outro cenário mostra um grande número de ex-escravos permanecendo nesses locais em troca de “proteção”, como era o caso das mulheres que possuíam filhos e dos idosos.

AS MULHERES NEGRAS DE 1888

No caso das mulheres agora libertas, o desafio de reconstruir a vida e se reestabelecer na nova realidade muitas vezes se estendia a fazer o mesmo pelos filhos, sobrinhos e netos. Dentre as muitas atividades que elas assumiram, muitas mulheres continuaram trabalhando nas

fazendas onde antes eram escravas exercendo muitas vezes serviços análogos aos de antes e sofrendo os mesmos abusos. Vista muitas vezes como um ato de bondade e benevolência da parte da dona da casa, a atitude na realidade garantiu muitas vezes que o tratamento violento e abusivo fosse continuado sem que houvesse qualquer tipo de questionamento quanto a isso, uma vez que essas mulheres o acatavam de maneira passiva devido à necessidade de garantir um meio de sobrevivência.

Outra atividade que cabia a muitas dessas mulheres era o zelo pelas crianças do Engenho, além do cuidado com seus próprios filhos. Esses cuidados as afastavam da imagem negativa atribuída aos negros da época, como é possível perceber através da forma como são descritas nas narrativas de autores que tiveram em sua infância a figura da “mãe-preta”. Essa perspectiva nostálgica da fala dos escritores ofusca a real violência sofrida por essas mulheres, muitas vezes privadas de estar com seus próprios filhos, através de uma imagem romantizada, como afirma a antropóloga Rita Laura Segato no ensaio *O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero em raça* (2006). A autora caracteriza a representação da mulher negra nas obras literárias como “um crime perfeito”, no qual a situação a princípio parece preservada, mas, quando analisada, os elementos fundamentais para sua significação são removidos e substituídos por alguma imagem que, ainda que verossímil, molde a percepção do público quanto à situação retratada. Rita Laura Segato ainda levanta o questionamento quanto à falta de representação histórica dessas mães-negras, a quem chama de “babá”, e da inexistência de discussão quanto à representação baseada na perspectiva infantil da situação, justificada pela inabilidade das crianças de analisar a situação a fundo quando as obras em questão foram redigidas por escritores já adultos. Tal questão possibilitou um afastamento do aspecto nostálgico das memórias de um posicionamento mais crítico frente aos acontecimentos.

Um exemplo desse apagamento são as memórias narradas pelo personagem Carlos da obra *Menino de engenho* de José Lins do Rego. Em um capítulo dedicado a falar sobre a senzala do engenho do seu avô materno, *o narrador relembra as mulheres que moravam ali*. Narrado a partir das memórias do menino, o capítulo inicia com a declaração de que aquelas mulheres permaneciam morando ali mesmo após a abolição e que trabalhavam com “a mesma alegria da escravidão” (pág. 69), mostrando a omissão do menino quanto àquilo que a escravidão havia de fato representado na vida dessas pessoas. Outro ponto questionável é a forma com que o menino cita que essas mulheres eram passivas como “bons animais domésticos”, negando a elas inclusive sua condição humana.

AS CRIANÇAS DO BRASIL

A mulher negra no período pós-abolição continuou a trabalhar e cuidar das crianças brancas das fazendas e engenhos onde trabalhavam. É possível perceber pelos testemunhos representados na literatura a importância dessas mulheres na vida da população infantil do Brasil. Para compreender melhor a figura da mãe-preta, este capítulo realizará uma contextualização histórica e cultural quanto às crianças, desde aquelas que vieram para território brasileiro junto às primeiras embarcações até aquelas que são contemporâneas das figuras tratadas no presente trabalho.

AS PRIMEIRAS CRIANÇAS BRASILEIRAS

Para discutir e pensar a infância no Brasil, é necessário lembrar como se deu o processo de formação da população brasileira: embarcações portuguesas, populações indígenas, povos africanos, imigrantes de diversos locais. O caldeirão cultural que deu origem ao Brasil que conhecemos hoje muitas vezes nos remete a uma imagem de grupos formados apenas por adultos. Ignoramos qualquer possibilidade de presença de crianças quando estudamos o assunto. A verdade é que seja para acompanhar seus pais, seja por força maior, o volume de crianças que integraram os grupos que chegavam nas terras brasileiras é não só significativo como também de grande valor para entendermos muito daquilo que é tido como certo ou ideal para as crianças atualmente.

A obra *História das Crianças no Brasil* (1999), de Mary del Priore, apresenta uma visão inovadora quanto à maneira como se costuma narrar a história e muda o foco da narrativa para estes pequenos participantes. No compêndio de olhares organizados pela autora, o historiador Fábio Pestana Ramos apresenta a dura realidade das crianças presentes nas epopeias marítimas do século XVI, quando foi iniciado o povoamento das terras brasileiras, e revela o grande desapego da sociedade ibérica frente às crianças. Dentro das embarcações era possível encontrar crianças na condição de grumetes ou pajens (cargos ocupados exclusivamente pelos pequenos), órfãs do Rei (meninas enviadas para casar com os súditos da Coroa) ou como acompanhantes de seus pais ou parentes. Independente do grupo do qual faziam parte, há a certeza dos riscos e abusos aos quais elas estavam submetidas. Nas embarcações, os casos de estupro eram inúmeros visto que os menores estavam expostos ao convívio com criminosos das piores espécies e, devido ao medo das possíveis represálias, o número daqueles que os denunciavam aos superiores é basicamente inexistente. Além disso, em caso de naufrágio, graças ao desapego cultural em relação às crianças, era certo que elas seriam deixadas para

afundar junto ao navio e, caso viessem a ser resgatadas nas embarcações de emergência, viriam a falecer logo, visto a fragilidade de seus corpos.

Embora em diversos momentos seja destacada a grande porcentagem de crianças trabalhando em navios, provando sua importante participação durante as navegações, é perceptível um descaso não somente com as crianças portuguesas largadas à sorte nos mares, como também com qualquer criança. É possível perceber dentro da cultura ibérica uma forte comparação delas com os animais.

CRIANÇAS NO BRASIL COLONIAL

A priori, quando refletimos sobre a infância no período colonial, características como a alta taxa de mortalidade infantil devido à insalubridade e às péssimas condições materiais são importantíssimas para entender o comportamento das populações para com as crianças. É necessário compreender que existem dois cenários: a infância das crianças negras, escravas, e a das brancas, livres.

A população escrava era majoritariamente adulta, visto que poucas crianças se tornavam adultas, morrendo muitas vezes antes de completarem 5 anos: nem bem aprendia a andar e já assumia um trabalho. Os filhos dos escravos eram postos frequentemente para trabalhar como criados dos seus senhores, relação essa romantizada em diversas obras devido à imagem onde era nutrida uma relação de amizade e companheirismo, quando na realidade esse contato era estimulado para garantir uma relação fiel do escravo com seu servo devido a essa união prematura.

Já no caso das crianças advindas das famílias ricas, a realidade compreendia um período de mudanças: abandonando uma tradição europeia de desvalorização da criança devida à alta taxa de mortalidade dessas, existe uma preocupação intensa em tentar conservar a criança saudável desde pequena. Ainda com essa metamorfose no tratamento da criança, a infância correspondia a um curto período, durante o qual as crianças recebiam mimos diversos e cuidados baseados em crenças pessoais, e logo após já passavam a ser moldadas para se transformarem nos adultos que era esperado que se tornassem devido a sua posição social.

Ao analisarmos a forma como as crianças eram tratadas, fica claro que, embora a infância brasileira no período colonial compreendesse um período efêmero do qual apenas parcela das crianças possuía a chance de desfrutar, foi um período essencial para a percepção

da criança como alguém que demanda tratamento distinto e adequado ao seu bom desenvolvimento.

LITERATURA E EDUCAÇÃO INFANTIL

A origem da utilização da literatura com fins educativos data do início do século XVII, com os contos de fada, que eram versões escritas pelo escritor francês Charles Perrault das narrativas folclóricas tradicionais contadas pelos camponeses, criadas e serventes, elaboradas a pedido do rei Luiz XIV para que fossem adaptadas e moldadas ao público de sua corte. Outro autor a reforçar o caráter pedagógico dessa literatura foi François Fénelon, que se dedicou à elaboração de uma literatura de caráter pedagógico mas ao mesmo tempo adaptada ao lúdico a fim de captar a atenção dos pequenos leitores e conseguir atingir seu principal objetivo, como foi o caso do príncipe de Borgonha por quem Fénelon ficou responsável no sentido de corrigir seu comportamento.

LITERATURA DEDICADA ÀS CRIANÇAS

Perante às mudanças ocorridas entre o final do século XIX e o início do XX quanto ao modo de enxergar a criança dentro da família, espaço no qual essa começava a ser tratada como merecedora de atenção e cuidados especiais, uma das preocupações que surgia era a educação dos pequenos. É nesse contexto que ocorre o surgimento de uma literatura dedicada ao público infantil paralelamente a um gênero cuja principal atribuição era o entretenimento. Valorizava-se um movimento literário que visualizava ali a oportunidade perfeita para transmitir os valores moralistas pensados como ideais para crianças e adolescentes da época, sendo esse o foco principal do que era chamado literatura infantil no período. A literatura infantil neste momento de mudança do comportamento social frente às crianças e adolescentes terá um papel muito importante na integração da criança ao mundo adulto, visto que é através dela que os pequenos leitores serão moldados aos valores sociais vigentes.

Em 1869, é publicado em Recife *Modelos para os meninos ou rasgos de humanidade, piedade filial e de amor fraterno. Obra divertida e moral*, um livro contendo, além de uma breve apresentação de uma situação cotidiana onde um pai sugere ao filho que procure ler uma literatura que acrescente conhecimento à vida dele, um compêndio de histórias todas repletas de código moral a ser repassado para a criança ou o adolescente leitor. Aqui é possível perceber aquilo que Antônio Candido nos fala em *Literatura e Sociedade* (1995) a respeito da literatura

desempenhando papel de importante mobilizador social, ficando claro que seu uso durante os anos iniciais de fato desempenha uma forte influência desde o surgimento do conceito de literatura infantil no caso do Brasil.

VELHA TOTÔNIA

Este capítulo é dedicado à representação da mãe-preta nas obras de José Lins do Rego. O autor invoca a figura tanto pelo chamamento “velha Totônia” quanto por “velha Totonha”, representando a mesma contadora de histórias que o acompanhou na infância e por quem nutre um carinho incalculável. Além disso, o capítulo realiza uma breve apresentação do autor das obras.

JOSÉ LINS DO REGO: “O ÚLTIMO CONTADOR DE HISTÓRIAS”¹

Nascido no ano de 1901 em Pilar, município da Paraíba, José Lins do Rego viria a ser um dos romancistas regionalistas mais prestigiados da literatura brasileira. Nascido em uma família composta em grande parte por senhores de engenho, o autor viria a ter uma infância conturbada a qual em 1932 seria representada na obra *Menino de Engenho*: após sua mãe ser assassinada pelo pai, José Lins do Rego, assim como Carlos, é levado para o engenho do avô materno, onde passa a infância.

É clara a influência de sua experiência de vida nas obras que produz. Por fazer parte do grupo de romancistas que retrataram a decadência dos senhores de engenho, José Lins do Rego reúne em suas obras um compilado de memórias de sua infância, realizando dessa forma uma rememoração das próprias experiências no engenho. Em *O romancista José Lins do Rego*, o escritor Josué Montello afirma que:

Entre José Lins do Rego, como figura humana, e José Lins do Rego, como escritor, havia uma concordância perfeita. Ele pertencia a um tipo de homem de letras que se transfere integralmente para os seus escritos. A palavra que deixava no papel, com a ponta da pena, era a palavra que lhe saía da boca, no seu modo natural de exprimir-se. Por isso, nos seus livros, não se encontra qualquer traço de representação. Falando ou escrevendo, José Lins do Rego dizia o que pensava, com a espontaneidade do seu temperamento afirmativo. Nele, realmente, o estilo era o homem. O homem José Lins do Rego, com algo de tosco que ele parecia cultivar, e sem prejuízo de sua inteligência superior. Dir-se-ia que, assim sendo, não se desprendia de uma rusticidade intencional, recolhida ao tempo em que vivera os seus verdes anos como menino de engenho. (MONTELLO, Josué. *O romancista José Lins do Rego*. In: *Culto da Imortalidade*, pág. 8)

¹ CARPEAUX, 1980, citado por Hafez, 1997, p.19

Lêdo Ivo afirma em *A história literária de José Lins do Rego*, no capítulo “Culto da Imortalidade”, que o autor em questão foi um dos grandes heróis da vertente do modernismo que despontou no nordeste brasileiro e que possuía como ícone Gilberto Freyre: uma perspectiva carregada dos valores tradicionais, pela valorização não só da história nordestina, mas também da região do nordeste, representada sobretudo pelas obras *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

MÃE-PRETA

Respondendo pelo nome de mãe-preta, uma imagem de escrava doméstica que esquece das violências sofridas, a contadora ainda representa “símbolo da fidelidade incondicional e servilismo absoluto à classe senhorial”, como nos conta Sonia Roncador no ensaio *O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural* (2011). Walter Benjamin, no ensaio “O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936), afirma que a extinção da arte de narrar está próxima do fim, fala análoga à de José Lins do Rego no início de *Histórias da velha Totônia*. Segundo o crítico literário, ao estabelecer uma relação entre os modos de narrar e as configurações sociais, a sociedade capitalista retira do ato de narrar histórias as características integradoras do momento de narrar. Benjamin ainda discorre no decorrer do estudo sobre a importância da habilidade narrativa para aqueles que desejam contar histórias independente do recurso utilizado, afirmando que as melhores narrativas são aquelas cujo autor mais se aproxima da natureza oral das narrações. Embora existam aqui duas vertentes temporais distintas, a da narrativa oral e a do romance, é interessante verificar que ambos os autores percebem em seus meios a desvalorização do conhecimento gerado e perpetuado pela cultura da narrativa oral.

“BEM VELHA E BEM MAGRA”

A Velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenininha e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. (DO REGO, José Lins. *Menino de Engenho*, pág. 64)

“Bem velha e bem magra”, assim José Lins do Rego nos apresenta a figura da velha Totônia, uma contadora de histórias que corria de engenho em engenho e que, anos depois, ainda povoaria a memória do autor. Em seu livro *Histórias da velha Totônia* (1936), José Lins faz um apanhado de contos que estiveram presentes no imaginário das crianças de sua época

graças à essa contadora. Ainda na apresentação do livro, ele deixa claro que a figura da “Velha Totônia” povoava todo o Brasil: mulheres negras contadoras de histórias presentes no cotidiano das crianças que moravam nos engenhos da época. O apanhado contém contos que abordam tópicos costumeiros da literatura infantil, aproximando-os dos contos de fada, uma vez que são percebidas semelhanças, como a presença de elementos mágicos, uma espécie de versão brasileira dos contos da tradição oral portuguesa, como caracteriza a escritora Laura Sandroni em um parecer publicado em 2013 no *site* oficial da Fundação Nacional do Livro Infante e Juvenil (FNLIJ). José Lins inicia a obra apresentando, em tom nostálgico, a figura da contadora, desejando que pudesse passar “aos meninos do Brasil” as mesmas alegrias que elas se responsabilizavam de passar, e esperando possuir a mesma habilidade narrativa, uma vez que afirma que todas as velhas Totônias do Brasil já “se acabaram, se foram” e que não houve um movimento para substituí-las, causando uma crise na tradição da literatura oral uma vez que, além desse desaparecimento, cada vez se tornava mais fácil obter conteúdo impresso. A contadora não aparece nesse livro salvo na apresentação onde o autor contextualiza a fonte de inspiração para a elaboração do compêndio literário.

Imediatamente após a introdução, José Lins do Rego apresenta quatro contos (*O macaco mágico*, *A cobra que era uma princesa*, *O príncipe pequeno* e *O sargento verde*) provenientes de sua memória da infância. A decisão do autor de construir a obra utilizando esses traços autênticos da fala da contadora assume um tom de homenagem a essas figuras históricas, mantendo viva a memória da origem dos contos, e concretizando ainda o desejo do autor de causar nos “meninos do Brasil” a mesma admiração e alegria que os contos da Velha Totônia traziam por meio da tentativa de recriar os momentos os quais ficaram marcados na memória de José Lins do Rego através do cuidado em manter a autenticidade da situação com os recursos que aproximam a literatura escrita da oral.

Os contos transmitem fielmente a tradição dos contos de origem europeia, combinando esses aos regionalismos e cenários tipicamente brasileiros, adaptando-os também ao folclore brasileiro, como é o caso da referência à lenda da “Mãe d’Água”. A presença de reis, rainhas, príncipes, princesas, criaturas mágicas e animais falantes funciona ainda como meio de prender a atenção das crianças nas narrativas que, recorrendo à utilização de elementos fantásticos, difundiam valores entre os pequenos ouvintes. Os quatro contos seguem a tradição dos contos na qual vê-se o embate entre bem e mal, sempre resultando na vitória do bem, mostrando essa dicotomia através de personagens muito bondosos que enfrentam uma dificuldade e, com o auxílio de outra boa figura, vence a situação.

MENINO DE ENGENHO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA PÓS ABOLIÇÃO

Publicado em 1936, *Histórias da velha Totônia* não é a primeira obra de José Lins a abordar a figura: o autor estreia como romancista em 1932 com o livro *Menino de Engenho*, onde a velha contadora de histórias ganha um capítulo inteiro dedicado a si e seus feitos, além de ser lembrada em outros breves momentos, como as memórias sobre a sexta-feira santa, quando ela, através de seus versos, emocionava a todos os presentes. A obra conta a história da infância de Carlos, menino que, após sua mãe ter sido assassinada, foi morar no engenho Santa Rosa, do avô materno, Coronel José Paulino. A história narra as descobertas do garoto recém-chegado da cidade e seu encanto com os costumes do engenho e suas peculiaridades. Um fenômeno que parece chamar a atenção do menino é a presença dos escravos libertos no engenho, fato esse responsável pelo contato entre ele e a contadora. Já adulto, Carlos lembra das vezes em que o engenho era visitado pela Velha Totonha e da comoção gerada por sua chegada, descrevendo-a como como uma edição viva das *Mil e uma noites*. De forma saudosa, ele conta que as narrações da velha eram feitas de maneira encantadora, sempre assumindo uma forma específica que só os contos dela tinham. Ele vai exaltar ainda a figura, elogiando sua capacidade de lembrar das histórias e sua capacidade de teatralizar as peças narrativas. Em nenhum momento a figura é lembrada de maneira negativa e sua chegada era digna de ansiedade pelos pequenos que a escutavam tamanho era seu talento na arte de narrar histórias.

O capítulo inteiramente dedicado à contadora fala um pouco sobre seus contos e sobre os temas abordados pela mulher. O narrador estabelece um diálogo direto entre as narrativas e famosas histórias infantis escritas por autores europeus, como Barba-Azul e Pequeno Polegar, afirmando que as versões da Velha Totonha eram melhores, construindo assim uma espécie de comparação entre a contadora e os autores de histórias infantis clássicas, mas dando destaque à capacidade de torná-las tangíveis ao público brasileiro. Além disso, as temáticas das narrações estendiam-se ainda à religiosidade e aos acontecimentos de Trancoso, alternando entre verso e prosa e sensibilizando aqueles que a escutavam.

A IMPORTÂNCIA DAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS

É frequente a comparação da real efetividade de frequentar a escola e obter conhecimento através das narrações das contadoras de história, visto que, embora ambas as literaturas sejam engrandecedoras, havia um abismo entre aquela ensinada em sala de aula e as reais convivências dos alunos. Marisa Lajolo e Regina Zilberman apresentam em *A Formação da Leitura no Brasil* uma hipótese importante para entender o papel dessa figura tão trabalhada

na literatura brasileira. A literatura trabalhada nas escolas era distante da real vivência dos alunos, portanto essas contadoras de histórias, ao transmitir a literatura oral, a tradição folclórica, os mitos que traziam em seus contos, parecem ser constituintes fundamentais da formação da massa leitora brasileira através do retorno a uma literatura não tão severa, possibilitando uma maior proximidade entre a contadora, os ouvintes e aquilo que era narrado, uma vez que os elementos mágicos e aventureiros cativavam mais efetivamente a atenção dos meninos. Viriato Correia confirma essa predileção dos pequenos quanto às contadoras ao afirmar em *Cazuza* (1938) que escutavam as histórias “de ouvido atento, como não fora tão atento o nosso ouvido na escola”. Sempre lembrada com carinho e nostalgia, a figura da mulher negra contadora de história é rememorada frequentemente em obras literárias cujo público alvo é infantil. Tendo em mente tão importante papel na formação de pequenos leitores e, como determina José Lins, o sumiço dessas figuras, é possível perceber um apelo saudoso ao invocá-las, com a expectativa de conquistar leitores da mesma forma que essas contadoras conquistavam.

Outro momento onde é possível perceber uma forte e importante relação entre a literatura oral e o ensino literário, influenciando a formação de leitores, é o incentivo à imaginação motivado logo cedo nas crianças. Os elementos fantásticos das histórias narradas pelas contadoras despertavam prazer nos pequenos ouvintes, de forma a tornar a literatura algo fascinante e objeto de interesse das crianças, diferente da forma como as obras eram tratadas em sala de aula, a qual Mário Quintana vai chamar “compulsória”.

OUTRAS “VELHAS TOTÔNIAS”

A imagem da velha Totônia, uma mulher negra, carinhosa, com um grande volume de experiências na vida, vai aparecer em diversas obras semelhantes. Ainda em *Menino de Engenho*, temos Galdina, a negra que cuidara da mãe de Carlos. Tanto no universo das poesias quanto das narrativas, é possível ver a presença dessas mulheres negras cuja vida revolve obrigatoriamente em servir, principalmente nas obras publicada após o início de uma inquietação em relação à escravidão.

No âmbito das obras do gênero lírico, podemos destacar *Cantos do Equador*, de Mello Moraes Filho, publicada em 1881. O livro é separado três em partes, sendo que as mães-pretas são tratadas na última fase do texto, intitulada “Poemas da escravidão”. Os poemas são carregados de críticas às violências destinadas aos negros, principalmente às mulheres que trabalhavam como amas-de-leite e mães de criação. Um tópico abordado de maneira geral nos

textos é a maneira como muitas negras foram privadas da convivência com seus próprios filhos, estabelecendo oposição com a relação nutrida entre elas e as crianças brancas. O poema que mais elucida essa convivência e a crueldade que a cercava é o “Mãe de Criação”². Nele temos a figura de uma mulher negra que perdeu seu filho, mas que se alegrava imensamente por ser mãe de criação, ao ponto de negar e se ofender quando querem libertá-la. As três últimas estrofes assumem um tom mais pesaroso ao retratar a relação violenta da negra com seu filho de criação já crescido, em um episódio no qual ele agride ela, que, por sua vez, chora e clama perdão aos pés do senhor. Através do poema, fica claro a perturbadora relação da mãe-preta e seu filho de criação, a qual muitas vezes era fundada na perda ou ausência da prole biológica dessa mulher e raramente resultava em alguma alteração no modo de tratamento das populações negras.

Já no campo das obras do gênero narrativo, outra obra que representará a figura das mães-pretas, além das aqui trabalhadas, é o livro *Histórias de Tia Nastácia*, publicado em 1937 por Monteiro Lobato. Apresentada no primeiro livro da série³ da qual *Histórias de Tia Nastácia* faz parte, a personagem é figura querida pela família e é descrita como velha e sábia, além de ser considerada pela família como a própria representação do povo: “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber.”⁴.

As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. (LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*, pág. 7)

Assim como em *Menino de Engenho* e *Histórias da velha Totônia*, a mulher negra aqui representada cativa as crianças através das histórias que conta. É através das suas experiências de vida que a contadora se constrói como figura importante no meio onde vive. Assim como trabalhado por Rafaela de Andrade Deiab, a construção dessa personagem levantará uma comparação quanto ao conteúdo das narrativas que apresenta em seu repertório. Dentro do universo em que está presente, trabalhado nos livros da série *O Sítio do Picapau Amarelo*⁵, “Tia Nastácia” convive com, além das crianças, “Dona Benta”. As duas senhoras assumem papéis de contadoras de histórias, porém fica claro que o autor delimita diferenças substanciais para

²FILHO, Mello Moraes. *Poemas da Escravidão In: Cantos do Equador*, pág. 130-131

³LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 1931

⁴_____. *Histórias da Tia Nastácia*, pág.7

⁵ A série *O Sítio do Picapau Amarelo* é formada pelos livros *A menina do narizinho arrebitado* (1920); *Fábulas de Narizinho* (1921); *A caçada da onça* (1924); *Jeca Tatuzinho* (1924); *Reinações de Narizinho* (1931); *Novas reinações de Narizinho* (1934); *O museu da Emília* (1938).

cada uma: Dona Benta é detentora do conhecimento erudito, uma vez que conhece e aborda os contos trabalhados na literatura escrita. Já “Tia Nastácia”, tem suas narrativas retiradas do folclore, ou seja, ela é conhecedora das histórias do povo.

— Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

— Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. (LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*, pág. 7).

Por meio dessa separação, é reforçada a ideia da existência de dois universos dentro do espaço da família: ainda que exista carinho e trocas culturais, sugestionando que todos daquele meio coexistam em regime de igualdade, a realidade compreende ainda uma relação distanciada motivada pela imposição da servidão da mulher negra para com a família branca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como os cenários relacionados às mães-pretas oscila é extrema: locais dignos de contos de fada serviam de palco para as histórias enquanto sua contadora vivia em um “quartinho escuro, com cheiro a coisa abafada” (*Menino de Engenho*, pág. 7). Ao realizar a leitura de obras que rememoram essas mulheres, é possível perceber nas relações antagônicas de suas narrativas em relação às suas realidades um paradoxo entre a miséria a qual ficaram submetidas no momento em que passaram a ser uma figura dispensável dentro da sociedade após a abolição e a capacidade de transformar a única coisa que possuíam, a experiência de vida, em material para encantar aqueles que as ouviam. A maneira encantadora através da qual narravam não somente garantiram a sobrevivência delas como também, por meio do notável fascínio que geraram em crianças que, eventualmente, tornaram-se escritores, asseguraram a transmissão do conhecimento popular da época ao longo de muitos anos.

Ademais, outro importante legado gerado pela forma como encantaram com seus contos é justamente a possibilidade de conhecer a figura da mãe-preta dentro da sociedade da época. Após a abolição da escravidão, muitas mulheres continuaram realizando as mesmas tarefas de quando eram escravas ou se tornaram contadoras de histórias, porém depois disso elas ficaram sem serventia, desaparecendo aos poucos. É justamente por meio de obras cujos autores têm essas mulheres salvas na memória que podemos conhecê-las mesmo após a crise da tradição oral decorrente das condições históricas. Ainda que sem problematizá-las, é através de obras como *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, que as problemáticas das ex-escravas são levantadas. É sob a perspectiva do olhar de uma criança que o narrador já adulto expõe as memórias do menino, revelando sem fazer uma análise crítica às violências sofridas pelas mulheres e pelos negros, a vida dos garotos, das criadas e das contadoras de histórias, todos os detalhes da história mais dolorosa da construção do Brasil moderno.

É incontestável a importância das mães-pretas na capacidade de fabulação das crianças que viriam a se tornar escritores, representados no presente trabalho por José Lins do Rego, uma vez em seus contos um dos princípios trabalhados era justamente a imaginação. Porém, ainda com essa grandiosa influência, é contraditória a forma como, ao mesmo tempo que se admite o poder dessas mulheres, se faz isso utilizando a voz de uma criança, ou seja, sem levantar uma discussão crítica a respeito de toda a história por trás do surgimento dessas contadoras. Embora a forma como essa rememoração, através da visão da criança, a exposição

silenciosa das violências sofridas pelas negras, é incoerente que o autor, agora adulto, não perceba enfim a dimensão do problema.

REFERÊNCIAS

<<http://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>>. Acesso em: 31/06/2019

<<http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/bibliografia>>. Acesso em: 31/06/2019

BRITO, Antônio César Nascimento de; MONTEIRO, Ivone Borges. **Velha Totonha e Dadade: O papel das narradoras orais e a representação do personagem iletrado nos romances *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *A menina morta*, de Cornélio Penna**. XII Congresso Internacional da ABRALIC, Curitiba: 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

DEIAB, Rafaela de Andrade. **A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo: 2006

FILHO, Mello Moraes. **Cantos do Equador**. Rio de Janeiro, Garnier Livreiro-Editor, 1881.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª ed. Rev. - São Paulo: Global, 2003

GINZBURG, Jaime. (Universidade de São Paulo, Brasil). **O narrador na literatura brasileira contemporânea**. Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2012 no. 2 p. 199-221.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 31.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de Ensino**. Tese (Doutorado em Didática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007

PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

_____. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RONCADOR, Sonia (2008). **O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 129-152, jan./jun.

SANTOS, Thais S. **MULATA E MÃE PRETA DO SÉCULO XXI: DISCUTINDO REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

SEGATO, Rita Laura. **O ÉDIPO BRASILEIRO: A DUPLA NEGAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA**. Série Antropológica (400), Departamento de antropologia, Universidade de Brasília, 2006.